

O Bardo na Poesia Pondaliana: Celtismo e Construção da Nacionalidade Galega

Prof. Ms. Henrique Marques Samyn

Pesquisador do Programa de Estudos
Galegos
UERJ

trovares@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo, analiso a representação do bardo na poesia de Eduardo Pondal. Como muitos outros importantes pensadores da Galiza no século XIX, Pondal defendia a teoria das origens célticas da nação galaica; inspirado pelo ossianismo de James Macpherson, criou, em seus poemas, um glorioso passado céltico para o povo galego. O bardo representa, na obra pondaliana, o guardião deste passado heróico e o construtor de um futuro onde o espírito céltico irá despertar na Galiza.

Palavras-chave: Eduardo Pondal, Poesia Galega, Celtismo

Abstract

In this article, I analyse the representation of the bard in the poetry of Eduardo Pondal. Like many other important scholars of Galicia in the 19th century, Pondal was a supporter of the theory of the Celtic origins of Galaic nation. Inspired by the Ossianism of James Macpherson, he created a glorious Celtic past for the Galaic people in his poems. In the pondalian poetry, the bard represents the guardian of this heroic past and the builder of a future where the Celtic spirit will awake in Galicia.

Keywords: Eduardo Pondal, Galaic poetry, Celtism

1. Introdução

Neste artigo, tenciono analisar a afluência do Celtismo e da construção da identidade galega na representação do bardo forjada na obra do poeta galego Eduardo Pondal (1835-1917). À guisa de introdução, devo esclarecer que Pondal inscreve-se num momento específico da História da Literatura Galega, a saber, o Renascimento – ou *Rexurdimento*: época em que a literatura galega, após passar quatro séculos adormecida sob domínio castelhano, renasce com todo o vigor. Eduardo Pondal foi um dos autores que desempenharam um papel fundamental neste processo de renascimento: embora, em sua obra, não encontremos uma tematização imediata da cultura galega, como ocorre em Rosalía de Castro, nem um discurso matizado pelo civismo, caso de Manuel Curros Enríquez – sendo estes três autores os nomes essenciais do *Rexurdimento* galego – há na poesia pondaliana um questionamento não menos importante, relativo às próprias raízes da identidade galega. Para efetivá-lo, Pondal lança mão de uma idéia que explora ao extremo: a idéia de que os galegos são descendentes dos celtas. Partindo deste pressuposto intelectual, o poeta forja uma poesia de tom épico, através da qual repensa a galegidade e cria símbolos que se tornariam parte essencial do ideário galego.

Começo o artigo com uma breve exposição acerca da importância do Celtismo na construção da identidade galega. Em seguida, tematizo a poesia pondaliana, analisando o papel nela conferido à figura do bardo e seu lugar na construção da identidade galega empreendida por Pondal.

2. O Celtismo e a construção da identidade galega

A obra pondaliana só é devidamente compreendida e valorizada quando observamos o contexto histórico no qual se insere. Por isso, faz-se necessária uma breve explanação acerca do contexto cultural e literário da Galiza na Segunda metade do século XIX, época em que ocorre o já mencionado *Rexurdimento* da Literatura Galega.

Como observou Gutiérrez Izquierdo (2000: 139-144), o *Rexurdimento* ocorreu devido a uma convergência de fatores: a um projeto político, concebido dentro do ideário iluminista, que propunha a recuperação da singularidade econômica, histórica, linguística e literária da Galiza, até então soterrada sob o domínio político e cultural espanhol, uniu-se uma valorização, de feições românticas, dos sinais identificadores do povo galego: sua língua, seus costumes e suas tradições. Em termos culturais, o evento que marca simbolicamente esta confluência de fatores ocorre em 1861: é a celebração dos primeiros Jogos Florais da Galiza, evento no qual surge a primeira antologia poética na qual constam autores do então nascente *Rexurdimento*, em cujas obras encontramos, nas palavras do autor mencionado (id.; tradução minha), “uma temática costumista, rural e paisagística, entendida como reivindicação e procura dos sinais de identidade do povo galego, e a consciência do abandono e marginalização que sofre a Galiza, que se revela na tonalidade dolorosa e na denúncia social de tantos poemas”.

É preciso salientar que o Renascimento envolveu, simultaneamente, uma recuperação de tradições e costumes e uma *construção* da identidade galega, na medida em que a valorização da língua, determinadas práticas culturais e um repertório de símbolos foram associados na composição daquilo que representaria a própria essência da Galiza. Uma das vias para esta construção foi a busca pelos fundamentos míticos da

nação galega, via na qual inscreve-se a obra pondaliana: alcunhando os galegos “gente de Breogán”, Pondal reivindicava, para seu povo, uma ascendência céltica – inscrevendo-se, desta forma, no ambiente intelectual do assim chamado “Celtismo”. Há, neste ponto, duas questões que demandam melhor esclarecimento: (i) o que representa, neste contexto de construção da nacionalidade, o recurso ao mito; e (ii) em que consiste o referido Celtismo.

Embora o vocabulário político da Europa do início do século XIX já falasse em um “princípio de nacionalidade”, foi no fim deste século que o termo “nacionalismo” surgiu, sendo utilizado, inicialmente, para designar grupos de ideólogos de direita franceses e italianos que ostentavam a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas; posteriormente, o termo passou a referir-se a todos os movimentos que consideravam a “causa nacional” como de primordial importância política: mais exatamente, para todos os que exigiam o direito à determinação, ou seja, em última análise, o direito de formar um Estado independente, destinado a algum grupo nacionalmente definido (cf. Hobsbawm 1998: 204).

Segundo Hobsbawm, este novo nacionalismo político vinha sofrendo uma série de mutações, dentre as quais: a pressuposição de que a autodeterminação e a formação de Estados soberanos independentes não se aplicava somente a nações capazes de demonstrar sua viabilidade econômica, política e cultural, mas a qualquer grupo que reivindicasse o título de “nação”; a progressiva tendência para admitir que esta autodeterminação nacional “não podia ser satisfeita por qualquer forma de autonomia inferior à plena independência do Estado”; e a tendência nova para definir a nação em termos étnicos e de linguagem (op. cit.: 206). Embora todos estes aspectos estejam relacionados ao contexto cultural galego de que estamos tratando, é sem dúvida o último que mais interessa no caso específico de Pondal. A valorização da língua galega, que o poeta realizaria em sua obra, e a noção de “raça galega” como descendente dos celtas são as facetas mais explícitas do nacionalismo que encontramos na obra pondaliana.

Quanto à importância dos mitos: como destacou David Miller (1995: 27), as identidades nacionais caracterizam-se por: (1) serem constituídas por crenças sociais compartilhadas e compromisso mútuo entre seus possuidores; (2) prolongarem-se historicamente; (3) serem ativas, ou seja, capazes de mobilizar comunidades para alcançar determinadas metas em conjunto, tomar decisões, obter resultados, etc.; (4) estarem relacionadas a um território em particular; (5) distinguirem-se de outras comunidades por sua cultura pública particular.

O que caracteriza a noção moderna de nação e de nacionalidade, consoante Miller, é a idéia de que um grupo de pessoas possui a capacidade de agir coletivamente a fim de conferir autoridade a instituições políticas. Desta forma, as nações, na modernidade, passam a ser compreendidas como agentes políticos ativos; algo que, como afirma, o autor, está relacionado à nova idéia de que instituições e atitudes políticas podem ser vistas como sendo, de algum modo, expressões de uma vontade popular ou nacional. A função dos mitos, neste sentido, é fundamental, uma vez que eles asseguram que a comunidade nacional da qual um indivíduo faz parte possui bases históricas sólidas, e que ela incorpora uma continuidade real através das gerações; ademais, os mitos desempenham um papel moralizante, ao expor para os membros da comunidade as virtudes de seus ancestrais e encorajá-los a desenvolvê-las, além de fortalecer seu senso de solidariedade e comprometimento mútuo (id.: 30-36). É precisamente neste sentido que devemos compreender a dimensão mítica do empreendimento pondaliano: sua finalidade era não apenas localizar o rastro histórico

do povo galego, mas também estabelecer fundamentos em nome dos quais reivindicar a unidade cultural e política da “gente de Breogán”. Mas quais eram as origens do Celtismo no qual bebeu Pondal?

Este fenômeno cultural surgira na Europa no início do século XVIII, com a publicação, na França, da obra *L'Antiquité de la nation et la langue des celtes*, do abade Pezron. Em linhas gerais, a teoria de Pezron defendia que os franceses seriam descendentes dos celtas, povo glorioso e heróico, bem como responsáveis pela difusão da cultura céltica por outros países europeus, inclusive os ibéricos. Em reação às idéias de Pezron, intelectuais peninsulares, como Pedro e Rafael Rodríguez Mohedano e Juan Francisco Masden, passaram a defender que, na verdade, o “berço” da cultura céltica seria a própria Península Ibérica, difundindo-se, a partir daí, para outros países europeus, incluindo a França. Paralelamente, uma outra versão da teoria surgia nas terras galegas: em 1838, o historiador Xosé Vereza e Aguiar, em sua *Historia de Galicia*, afirmaria ser a Galiza o verdadeiro lugar de origem dos celtas, a partir de onde eles se alastraram por toda a Europa. Posteriormente, o destacado historiador Manuel Murguía, grande amigo de Eduardo Pondal, daria novo fôlego à teoria, afirmando que, embora os celtas não fossem originários da Galiza, foram seus conquistadores, num processo que acabaria por delinear, de forma irrevogável, a identidade do povo galego.

Estas teorias tinham, decerto, uma finalidade específica: reinterpretar certas evidências históricas (estruturas arqueológicas, como os castros no território galego, por exemplo) de modo a inseri-las num projeto de identidade nacional que diferenciase a Galiza das outras nações europeias – e da Espanha em particular. Tratava-se, em outras palavras, da fundamentação de uma nacionalidade galega, derivada de uma “situação geográfica especial, língua e costumes diferentes e, acima de tudo, de uma raça celta que era diferente e superior à condição étnica dos outros povos peninsulares” (Villares Paz, 1996: 431), empreendimento no qual a contribuição de Murguía seria determinante. A partir de uma leitura idealizada dos celtas como um povo essencialmente heróico e de feitos gloriosos, o Celtismo traria algo desta “essência” para os próprios galegos, de modo a representá-los como um povo nobre e façanhoso.

Os celtas de fato habitaram a Península Ibérica: há registros de sua presença num poema do século VI a.C., a “Ora Maritima”, de Rufo Festo Avieno, que na verdade é baseado em fontes mais antigas, sendo a principal um périplo massaliota do século VI a.C.; há também menções a celtas na Península Ibérica em obras de historiadores e geógrafos gregos (Javier Lomas, 1986: 53). Todavia, a crença numa relação contínua entre a cultura galega atual e os antigos celtas não resiste à percepção de que, posteriormente, a Península Ibérica foi cristianizada, dominada pelos romanos e pelos muçulmanos.

Por outro lado, a crença no enraizamento da cultura galega nos celtas permaneceria forte no ideário galego. Como afirmou Ramón Villares Paz, em seu artigo *¿Somos los gallegos celtas?* (2001; tradução minha):

O celtismo foi um dos pilares mais firmes sobre os quais se assentou a identidade cultural da Galiza. Realmente, atuou como se tratasse de um “lugar de memória” coletivo. Nenhuma outra característica da história da Galiza teve em sua época defensores tão egrégios, nem tampouco qualquer construção intelectual sobre a identidade da Galiza penetrou tão rapidamente na mentalidade popular. O celtismo, como a chuva, acabou por se converter em algo consubstancial com a Galiza e com os galegos, tanto a partir de um olhar alheio como a partir da consciência própria. Não obstante, o celtismo é um feito intelectual plenamente histórico, isto é, que se reconhece em um espaço temporal preciso. Não constitui nenhuma essência imutável; ao

contrário, pode-se rastrear pormenorizadamente todo o processo de sua aparição, sua hegemonia, bem como seu enfraquecimento como paradigma interpretativo da Galiza. Dito em termos mais atuais, poderíamos falar perfeitamente do celtismo como um exemplo de invenção, no sentido de construção de um mito nacional, a partir da investigação histórica baseada na análise de alguns elementos objetivos, tanto materiais ou artísticos (megálitos e castros, em primeiro lugar), como culturais e linguísticos.

De fato: González López (*apud* Costa Clavell, 1983: 12; tradução minha), em sua obra *Grandeza y decadencia del reino de Galicia*, escreveria que

a toponímia galega, as tradições e costumes de nossa terra, os monumentos arqueológicos encontrados nela, as formas culturais fundamentais da vida humana, como a casa, o carro e o arado, que ainda sobrevivem, procedem dos tempos célticos, a psicologia de nosso povo, e, talvez, o substrato fonético de nossa língua galega, são claros testemunhos do fundo étnico céltico da Galiza, de toda ela.

Similarmente, Costa Clavell (1983:14-15; tradução minha), traça uma relação direta entre o “caráter galego” e traços psicológicos dos celtas, afirmando que “ a personalidade do povo celta era, sem dúvida alguma, vigorosa e profunda”, e que a Galiza “deve aos celtas a inetável consistência de sua diferenciada personalidade nacional”. Percebe-se, por conseguinte, a que ponto o Celtismo tornou-se um elemento fundamental da identidade cultural galega – num processo, aliás, mencionado por Miller, para quem as histórias nacionais contêm elementos míticos na medida em que “interpretam eventos de um modo particular, e também na medida em que elas amplificam o significado de alguns eventos e diminuem o significado de outros” (op. cit.: 38; tradução minha).

A esta altura, cabe destacar um dos mais importantes centros de cultivo do Celtismo na Galiza: a chamada “Cova Céltica”. Este núcleo surgiu na Coruña, na livraria de Uxío Carré Aldao – ele mesmo um importante intelectual em seu tempo –, e tornou-se um duplo centro de resistência: em primeiro lugar, foi o local no qual reuniam-se os escritores regionalistas que, em reação contra os vanguardistas que escreviam em castelhano a fim de seguir as novas tendências madrilenhas, ali se reuniam para criar e publicar escritos em galego (Fernandez Del Riego, 1981: 121-122). Em segundo lugar, é preciso ter em mente que faziam parte da Cova Céltica tanto o já mencionado historiador Manuel Murguía quanto Eduardo Pondal; e contra Murguía, defensor das origens célticas da Galiza, estava don Celso García de la Riega, intelectual pontevedrês que, em oposição àquele, defendia que as origens do povo galego eram gregas, e não célticas. Por este motivo, García de la Riega apelidou ao grupo da livraria de Carré, pejorativamente, “la cueva céltica”; mas o grupo, apoderando-se da denominação, traduziu-a para o galego (Carballo Calero, 1981: 136). Desta forma, a Cova Céltica tornou-se um centro cultural que desempenhou importante papel neste processo de construção da identidade galega, ao tornar-se um centro ativo de defesa do Celtismo.

3. O bardo na poesia pondaliana

Se Manuel Murguía era o Patriarca da Cova Céltica, a Eduardo Pondal cabia o papel de ser o seu Bardo – termo que utilizaria para se autodesignar em sua própria obra

poética. Por conseguinte, seriam ambos responsáveis, cada um a seu modo, por lapidar o elemento céltico que percebiam como intrínseco à identidade galega.

Como destacou Fernandez del Riego (op. cit.: 103; tradução minha), o ambiente que Pondal evoca em seus poemas é “uma proto-história galega povoada de heróis e bardos”. Este empreendimento poético, no entanto, não é tão artificial ou maneirista como pode parecer a um leitor desavisado ou mal informado; em verdade, a trajetória poética pondaliana visa à construção de uma poesia épica que a tradição galega não conservara. Modelar para Pondal foi a obra de James Macpherson, escritor escocês que viveu em meados do século XVIII. Traduzindo para o inglês alguns textos de poesia gaélica, Macpherson publicou, em 1760, os *Fragments of Ancient Poetry Collected in the Highlands of Scotland and translated from the Gaelic or Erse language*, recebido calorosamente por Fergusson, Blair, Robertson e o resto da sociedade literária de Edimburgo. No prefácio da obra, Macpherson mencionava a existência de um épico gaélico que poderia ser por ele recuperado, caso recebesse encorajamento e recursos para tal. Quando obteve um e outros, Macpherson partiu para as Terras Altas para realizar o empreendimento, publicando, em 1762, a obra *Fingal, an Ancient Epic Poem*, em seis livros, incluindo poemas menores; no ano seguinte, publicou ainda *Temora, an Ancient Poem*, em dez livros, também, incluindo poemas menores. Os originais de todos os poemas eram atribuídos por Macpherson a um bardo gaélico chamado Ossian.

O sucesso dos livros foi enorme: os poemas ossiânicos foram traduzidos para praticamente todas as línguas européias, causando impacto sobretudo na Alemanha, onde a tradução foi realizada por Herder e a obra foi entusiasticamente recebida por Goethe; em Portugal, houve uma tradução realizada por Soares de Passos (Ward, 1959: 263). Todavia, as obras de Ossian foram recebidas com ceticismo por vários intelectuais da época: Samuel Johnson e David Hume desafiaram Macpherson a divulgar os originais em que havia se baseado para realizar a tradução, o que não ocorreu. Isso não foi suficiente para abalar a reputação de Macpherson: as obras ossiânicas causaram grande excitação no público em geral, fascinado com o mítico e nebuloso passado celta nelas revelado; e mesmo a sua influência literária alcançou grande terreno, chamando atenção para a natureza selvagem e o lugar nela ocupado pelos homens e abrindo caminho para as obras de Sir Walter Scott. Investigações posteriores mostraram que, embora Ossian fosse uma invenção de Macpherson, este realmente conhecia a poesia gaélica, e que provavelmente existiu, em algum momento da História, um bardo com aquele nome; o que Macpherson fez foi utilizar seus conhecimentos sobre a literatura gaélica para criar sua própria poesia, em tom bíblico, utilizando amplamente temas célticos (Stapleton 1983: 552). Ao que parece, Pondal foi influenciado também por um seguidor de Macpherson, de nome John Smith, cujas *Galic Antiquities*, concebidas dentro do espírito ossiânico, foram publicadas junto aos poemas daquele na tradução francesa de P. Christian que pertenceu ao galego. Como Pondal não duvidava da autenticidade dos textos ossiânicos, não encontrou distinção entre Macpherson e Smith, uma vez que acreditava estar lidando com textos criados unicamente por Ossian (Carballo Calero, 1977: 121).

Distintamente de Macpherson, Pondal não possuía um repertório de topônimos ou um elenco de heróis que pudesse utilizar na construção de seus poemas. É neste ponto que a contribuição de Manuel Murgía é crucial, como percebe Carballo Calero (op. cit.: 271). O que ocorre é que, nas sagas irlandesas, há referências aos fenianos, descendentes de Fenius que teriam povoado a Espanha antes de se estabelecerem em Erin. Um chefe desta linhagem, Breogán, nasceria na Espanha, sendo filho de Brath, que, em sua chegada, lutara com os grupos humanos que viviam nas terras espanholas;

Breogán seria o responsável por dominar estas tribos e fundar a cidade de Brigantia, topônimo que surge várias vezes na poesia pondaliana. Murguía foi quem convenceu Ponal de que os fenianos eram celtas que haviam invadido e colonizado a Espanha (em oposição a Villanueva, historiador que, nesta mesma época, afirmava que os fenianos eram fenícios). Breogán seria, por conseguinte, o patriarca fundador da nação galaica em tempos pré-históricos, criando Brigantia. Consoante Maleval (1998: 66-67), “seu nome é celta, derivado de *brig-*, e significa ‘chefe duma briga’, isto é, de ‘uma comunidade que vive numa elevação’, parecida com o *castro*”.

O bardo pondaliano é uma criação artística, ou seja: não tem, e nem pretende ter, qualquer compromisso histórico com os antigos cantadores celtas. Assim como o poeta, impossibilitado de recorrer a dados históricos ou lendários para forjar uma epopéia, optou por criar hinos heróicos e canções líricas (Carballo Calero, op. cit.: 271-272), similarmente, criou sua própria representação do bardo – “um homem superior, a consciência da raça. Carregado de responsabilidade, o seu sofrimento é o preço de sua superioridade moral”. Mas há, neste empreendimento, um ponto essencial, destacado por Manuel Forcadela (1991: 72): herdeiro do romantismo, Ponal faz do bardo uma representação de si mesmo. A demonstração mais explícita da identidade entre Ponal e sua representação do bardo está no poema *Rumores dos pinos* (Ponal, 1995: 171). Ali, o poeta evoca os “rumores vagos e íntimos” dos pinheiros, que o embalsamaram durante a sua infância e que ensinaram, ao “bardo adolescente”, “mil cousas sobre a serva e escura patria”.

É possível afirmar que o bardo pondaliano é uma criação que realiza, artisticamente, um anseio do próprio poeta, qual seja: um resgate definitivo da dimensão céltica da Galiza. Isto porque, como ressaltou Forcadela (op. cit.: 74; tradução minha), Ponal delinea o bardo de maneira a sugerir a existência de uma fissura entre este e o mundo que o circunda:

Das quatro características salientáveis do bardo pondaliano (de negros olhos, cabeça de pesar escurecido, intonsa barba, cingido por coroa de espinhos pungentes), todas parecem chamar a atenção para a existência de um mundo íntimo obcecante que conduz o poeta a fechar-se à realidade. Tal como tinham manifestado os românticos alemães, “é para o interior que se dirige o caminho misterioso. Em nós, não em parte alguma, estão a realidade e os seus mundos, o futuro e o passado. O mundo exterior é o universo das sombras”. Assim, o bardo pondaliano aparece desassistido do mundo, a sua viagem errante é, em realidade, uma viagem interior (...). Antes, o homem existia para servir a Deus e à sua sociedade; agora, o homem romântico exige que a sociedade e a justiça divinas sirvam a ele. O homem põe a si mesmo no centro, não só da atenção literária, mas do universo inteiro (...). Assim o bardo pondaliano está, antes de nada e como um reflexo claro da herança do romantismo, olhando para si, desaparecido na turbulência da sua própria experiência íntima, deitado sobre o leito de sua singularidade e tratando de converter a sua experiência humana e literária numa indagação de suas próprias trevas.

São inúmeros os poemas nos quais Ponal explicita este abismo entre a subjetividade e o mundo. Nos poemas de *Queixumes dos pinos* (Ponal op. cit.: 15), fala sobre “os bardos sapientes” que, “soñadores e vagos”, despertam estranhamento por onde passam, ou sobre os bardos que, embora sejam “nobre cousa e grande”, nunca são compreendidos pelos homens (op.cit.: 24). Creio que, a partir desta cisão, podemos compreender melhor a oposição que Carballo Calero (op. cit.: 256) percebe, argutamente, haver entre Eduardo Ponal e Rosalía de Castro. Nas palavras do teórico

(tradução minha),

(...) a poesia rosaliana que se inspira na vida de seu povo, é como a voz do povo mesma, coletiva, anônima; e nisso reside a sua grandeza. Mas a poesia rústica de Pondal é absolutamente pessoal, é uma realização erudita de temas populares, vivificada pela autenticidade do senso telúrico e étnico que o transcende, mas transfigurada no tocante ao dado empírico pela singularidade da voz do poeta; e nisso consiste a sua grandeza também. Rosalía entrega-se à terra; Pondal apodera-se da terra. Rosalía é uma moça de Ortoño que irrompe a cantar; Pondal é um senhor de Ponteceso que elabora literariamente o mundo em que vive.

A reelaboração artística efetuada por Pondal envolve, de fato, uma reelaboração da própria Galiza, que torna-se um espaço mítico e heróico, impregnado pelo mundo céltico. Isto é o que ocorre, por exemplo, com Bergantiños, terra natal de Pondal, por este representado como terra que abriga o selvagem vale de Brantoa, vale “amado dos celtas” (Pondal, 1995: 22). Os próprios galegos são referidos, em inúmeros poemas, como sendo a raça ou o povo de Breogán, “estirpe xenerosa” destinada a realizar “cousas nobres” (op.cit.: 70); “fillos dos celtas/ de intrépidos peitos” são estes “fortes galegos” (op.cit.: 169) – cuja língua, aliás, é similarmente referida como sendo a (op.cit.: 126)

Nobre e harmoniosa
fala de Breogán,
fala boa, de fortes
e grandes sin rival (...)

A oposição que Carballo Calero indica, entre Rosalía e Pondal, nasce, sobretudo, desta diferença fundamental: se, para a poetisa, o que interessava era realizar uma imersão no povo galego, em suas tradições e costumes, para Pondal o que interessa é este duplo da Galiza – um duplo que, na verdade, é o *fundamento* da própria Galiza, heróico, mítico e céltico. O realizador deste desvelamento da verdadeira essência galega é o bardo: apenas seu olhar e a sua sensibilidade podem realizá-lo, e apenas sua voz pode cantar, para o mundo, o que é a verdadeira Galiza.

Há, finalmente, uma clivagem. A fissura existente entre os diferentes momentos da Galiza – a do passado heróico, a do presente escuro e a do futuro glorioso – traz a tristeza ao coração do bardo, que, ao ver que “os fillos dos celtas/ cumpren serva e innobre vida”, é invadido por “escura melancolía” (op.cit.: 54). Atormentado pelo “estro soberano” (op.cit.: 12) que mantém, em seu âmago, acesa a lembrança destes tempos de heroísmo, o bardo sonha, adormecido entre os arbustos, com o tempo passado, quando seu povo era livre (op.cit.: 13); e, iluminado por esta memória, anseia por fazer despertar, no espírito de seus irmãos, o ímpeto que levará o povo galego a realizar os grandes feitos para os quais está destinado (op.cit.: 70).

Na poética pondaliana, o bardo é, enfim, um personagem encarregado de desempenhar um papel fundamental: seu dever é não apenas realizar o nobre ofício de cantar um façanhoso passado, mas também preparar o solo para que, nele, seja construído o glorioso futuro. Impregnado pelo heroísmo céltico que, na visão pondaliana, habita o cerne do próprio espírito galego, o bardo é, no presente, o guardião do ontem e o forjador do amanhã: seu canto resguarda e constrói, simultaneamente, a História de seu povo.

Referências bibliográficas

- CARBALLO CALERO, Ricardo. *Historia da literatura galega contemporánea*. 3a. ed. Vigo: Galaxia, 1981.
- CARBALLO CALERO, Ricardo. “John Smith e Eduardo Pondal”. In: *Grial: revista galega de cultura*. No. 55. Vigo: Galaxia, 1977 (edição fac-similar: Vigo: Galaxia, 1988).
- COSTA CLAVELL, Xavier. *Los gallegos*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 1983.
- FERNANDEZ DEL RIEGO, F.. *Historia da Literatura Galega*. 5a. ed. Vigo: Editorial Galaxial, 1981.
- FORCADELA, Manuel. “O bardo pondaliano, tradición e modernidade”. *Galeuzca 1991*. Iruña: Galeuzca, 1991.
- GUTIÉRREZ IZQUIERDO, Ramón. *Lecturas de nós: introducción á Literatura Galega*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2000.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- JAVIER LOMAS, Francisco *et alii*. *Historia de España Antigua*. Vol. I: Protohistoria. 3a. ed. Madrid: Catedra, 1986.
- MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. “Fundamentos lendários e míticos dos símbolos galegos”. In: _____ (org.). *Estudos galegos 2*. Niterói: EDUFF: Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- MILLER, David. *On Nationality*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- PONDAL, Eduardo. *Queixumes dos pinos e outros poemas*. Ed. Xavier Senín. Biblioteca da Cultura Galega. Vigo: Editorial Galaxia, 1995.
- STAPLETON, Michael. *The Cambridge guide to English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- VILLARES PAZ, Ramón. “O galeguismo: do rexionalismo ó nacionalismo”. In: VÁZQUEZ VARELA, X. M. *et alii*. *Nova Historia de Galicia*. A Coruña: Editorial Tambre, 1996.
- VILLARES PAZ, Ramón. *¿Somos los gallegos celtas? A invención do celtismo*. A Coruña: La Voz de Galicia, 23 nov. 2001.